

## Intelectuais: Conceito, tipologias e prática social

---

Iara Andrade Senra<sup>1</sup>

*“Um professor primário é um ‘intelectual’? E um oficial? A partir de que posto? E um padre? E alguém que vive de renda?”*  
Jeans-François Sirinelli

### Resumo

O presente artigo apresenta uma breve discussão sobre conceito de intelectuais, destacando para tanto, o histórico do termo, as tipologias apontadas por autores como Bobbio e Sirinelli e a problemática sobre a prática social dos intelectuais. No que diz respeito a este último tópico são levantados os seguintes questionamentos: Quais seriam as funções e as responsabilidades destes autores perante a sociedade? Quais grupos se enquadrariam na categoria de intelectuais?

**Palavras-chave:** Intelectuais, engajamento, responsabilidade e intelectuais mediadores.

### Intellectuals: Concept, typologies and social practice

### Abstract

This article presents a brief discussion about the concept of intellectuals, highlighting the history of the term, the typologies pointed out by some authors such as Bobbio and Sirinelli and some issues of intellectuals social practice. Concerning the last topic, the following questions are raised: What would be the roles and responsibilities of these authors before society? Which groups would fall into the category of intellectuals?

**Keywords:** Intellectuals, engagement, responsibility and mediating intellectuals.

Artigo recebido em 27/11/2018 e aceito em 17/01/2019

## INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

A análise que se segue acerca do termo intelectual parte do pressuposto de seu caráter polissêmico e da problematização das práticas sociais de seus agentes. Exploraremos para tanto, de forma sintética, o conceito de intelectuais desenvolvido por Norberto Bobbio e Jeans-François Sirinelli.

A noção de intelectual não é recente e sempre foi permeada pela ideia de homens cultos, sábios, ligados à igreja ou à vida acadêmica. Na Prússia, em 1884, foi utilizada pela primeira vez para designar homens letrados que apoiados na razão assumiriam a responsabilidade de defender a nação.

Na Rússia, neste mesmo período, o termo *intelligentsia* designará o jovem bem educado empenhado na luta contra o czarismo<sup>II</sup>. Na França, o marco simbólico de emergência do termo *intellectuel*, foi o texto de Émile Zola que dissertava sobre o caso Dreyfus<sup>III</sup>. Tais acontecimentos evidenciam uma mudança no sentido do termo intelectual, pois a partir destes, relacionar-se-á o homem letrado à intervenção política e cívica.

No Brasil, a intervenção política dos intelectuais tivera uma relação estreita à atuação estatal, haja vista que diversos foram os pensadores que formularam propostas que justificaram as ações governamentais. Obviamente que no decorrer da história do Brasil esta relação entre Estado e intelectuais tivera as suas nuances, sendo assim, nos deparamos com momentos em que os intelectuais são cooptados pelo governo e momentos em que exercem uma atitude de engajamento contra o Estado.

Segundo Monica Pimenta Velloso, *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo* (2007), no período da pós-independência, muitos intelectuais foram vistos como aliados do Estado, pois produziam teorias que despertariam a nacionalidade no povo. Contudo não tinham uma visão pragmática, eram apenas idealistas, ou seja, ajudariam a criar as teorias sobre a identidade brasileira, porém não teriam um envolvimento direto com as lutas sociais e nem tentariam conquistar cargos políticos. A frase de Machado de Assis, proferida na ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras, exemplifica bem esse papel do intelectual romântico das primeiras décadas do século XIX: “[...] a Academia Brasileira de Letras tem que ser o que são as instituições análogas: uma torre de marfim [...]”<sup>IV</sup> Com essa afirmação, segundo Velloso, Machado de Assis reserva ao intelectual, a fuga para o mundo das ideias, este se ausentava das lutas sociais para ficar no alto de suas torres e refletir sobre a realidade, sem, no entanto, agir sobre ela. “O papel do intelectual está claramente fixado: eles podem escrever páginas da história, mas a história faz-se lá fora”.<sup>V</sup>

Em finais do século XIX, com o enfraquecimento do Império essa situação se transforma. Determinados membros da elite letrada foram marginalizados. Intelectuais e Estado entram em conflito e o Império, na visão dos intelectuais que compunham a chamada geração de 1870<sup>VI</sup>, passa a representar o repositório de tradicionalismos<sup>VII</sup>.

Segundo Angela Alonso uma das características que uniam os diferentes autores de 1870 seria a marginalização a eles infligida, principalmente em relação à política. Obviamente tal marginalização se sucedia de diversas formas e níveis. Joaquim Nabuco, por exemplo, recebia favores do imperador, contudo não lhe era permitido “[...] suplantar sua posição secundária no sistema político, controlado pelo partido conservador. (ALONSO, 2009: 90-91) Quintino Bocaiúva, tinha vínculos com o partido liberal, porém não era nascido na elite, por isso não tendo acesso ao imperador e à agro lavoura, se insurgiu “[...] contra a falta de oportunidades na carreira pública. (Ibidem:91) Miguel Lemos, nascido em estrato médio, estagnado, era alijado tanto da corte quanto dos partidos políticos, rebelando-

## INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

se contra “[...] qualidade do ensino e o bloqueio ao acesso aos postos da burocracia do Estado, preenchidos por meio de concursos fraudulentos.” (Ibidem:91) Júlio Castilhos, estancieiro era desfavorecido pelo partido liberal, e reclamava “ poder político local e liberdade para seus negócios.” (Ibidem:91) Por fim, de acordo com Hebe Mattos vários autores de 1870 - e a quantidade não era pequena - eram identificados como pardos, fato que os impelia a se atentarem para a questão racial, buscando também modificar o seu *status quo*.<sup>VIII</sup>

Para autores como Euclides da Cunha e Sílvio Romero a literatura e as ciências sociais eram uma missão, um caminho de transformação da sociedade e não meras teorias neutras. Esta elite pensante se sentia capacitada para remodelar o Estado, lutando contra a incompetência técnica e administrativa imperial. Não apenas pensavam os problemas nacionais, mas também queriam agir sobre eles. Por isso, muitas vezes buscavam cargos públicos. “Caberia a essas (elite letrada), portanto, a missão de revelar a nacionalidade, concebendo-se as elites como instâncias dotadas de saber superior, e por isso, mais aptas para conduzir o processo de mudanças sociais”.<sup>IX</sup>

No século XX, a relação amistosa entre intelectuais e o Estado consolida-se. Euclides da Cunha é resgatado pelos teóricos de Vargas que exaltavam a capacidade do autor de pensar a nossa nacionalidade. Já Machado de Assis e outros poetas do início do século XIX, que compartilhavam as mesmas visões em relação à função neutra do intelectual no Brasil, serão criticados, serão considerados lunáticos, criadores de imagens e alheios às realidades do país.

No Estado Novo, os intelectuais se tornaram muito mais do que aliados, foram vistos como homens de ação<sup>X</sup> e conseqüentemente, inseridos nos quadros governamentais. Pela caneta destes intelectuais cooptados – Oliveira Vianna, Almir de Andrade, Francisco Campos - o Estado não era mais repositório de tradicionalismos, instrumento de marginalização, a partir de 1930, ele passa a ser fonte de ordem e de desenvolvimento:

O regime Vargas se diferencia, sobretudo porque define e constitui o domínio da cultura como um “negócio oficial”, implicando um orçamento próprio, a criação de uma “intelligentzia” e a intervenção em todos os setores de produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico. O aumento considerável do número de intelectuais convocados para o serviço público provocou um processo de burocratização e de “racionalização” das carreiras que pouco tem a ver com a concessão de postos da época das oligarquias.<sup>XI</sup>

Para tanto, o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – tornou-se um mecanismo essencial para o regime. Projetos educacionais e propaganda política foram utilizados como meios eficientes de popularizar e difundir as ideologias do governo. O Estado propunha políticas públicas, elaboradas por seus intelectuais cooptados que eram efetivadas pelo DIP “[...] organismos encarregados da tutela e da construção da própria nacionalidade, isto é, as instâncias formadoras de uma opinião pública em torno de um novo regime”<sup>XII</sup>

Segundo Rejane Araújo, em *DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda*, o DIP foi criado com os seguintes objetivos:

[...] centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; organizar os serviços de turismo, interno e externo; fazer a censura

# INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores; colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país; promover, organizar e patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, assim como exposições demonstrativas das atividades do governo, e organizar e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo.<sup>XIII</sup>

Para execução desta vastíssima tarefa, muito se destacaram os intelectuais, cooptados pelo Estado Novo, seja formulando propostas políticas, seja assumindo cargos públicos, nos quais colocariam em prática suas ideias.

## **Intelectuais: Conceito e tipologias**

Em *Os intelectuais e o Poder*, (1997) Norberto Bobbio apresenta uma discussão riquíssima sobre as diversas vertentes do conceito intelectual, sua responsabilidade e atuação política, para tanto propõe uma análise do ponto de vista descritivo – quem são os intelectuais, fenomenológico – quantos são os tipos de intelectuais - e prescritivo/optativo- qual é meu ideal de intelectual?

Como já dito, o termo intelectual de maneira mais ampla, sempre esteve ligado aos homens de cultura, englobando poetas, romancistas, músicos e filósofos. Bobbio delimitando esta definição, afirma que o que caracteriza o intelectual não é tanto o tipo de trabalho que realiza, mas a incidência das ideias sobre as suas ações. Para ele, o intelectual é “alguém que não faz as coisas, mas reflete sobre as coisas, que não maneja objetos, mas símbolos, alguém cujos instrumentos de trabalho, não são máquinas, mas ideias”.<sup>XIV</sup>

Já Sirinelli destacou o caráter polissêmico e polimorfo do termo intelectual, fato que dificulta o estabelecimento de critérios de definição. “Esse meio é de fato polifônico e suscitou auto-representações dissonantes, que vão da imagem religiosa dos intelectuais paladinos das grandes causas contemporâneas até a leitura anti-intelectualista de um século XX francês [...]”.<sup>XV</sup>

Devido às múltiplas representações de intelectuais e a dificuldade de nomeá-las, Sirinelli estabelece uma “definição variável, baseada em invariantes”,<sup>XVI</sup> criando para tanto duas tipologias para o termo.

As tipologias sobre o termo intelectual variam de acordo com uso que o escritor queira dar ao seu conceito e são formuladas para melhor explicar a função desempenhada pelos intelectuais perante a sociedade. Gramsci por exemplo criou as suas categorias: o intelectual tradicional, o intelectual orgânico ao projeto do Estado burguês e o intelectual orgânico aos interesses das classes subalternas, Foucault: intelectual universal, intelectual específico, Sirinelli: mediadores culturais e indivíduos engajados e Bobbio: os ideólogos e os experts.

Em relação à tipologia, Sirinelli destaca duas acepções para o termo intelectual: uma mais ampla – a de mediadores culturais – e uma mais restrita - que diz respeito ao engajamento.

De acordo com o primeiro sentido, intelectual seria todo aquele que transmitiria cultura, e se distinguiria dos demais pela instrução. Sirinelli então afirma que “[...] no primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”.<sup>XVII</sup>

# INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

A segunda acepção de intelectual apontada por Sirinelli: o engajamento torna a definição mais restrita, visto que nem todos os sujeitos que produzem ou mediam saberes são indivíduos engajados. Salienta que os indivíduos engajados seriam aqueles que devido à sua especialização, legitimariam sua intervenção nos debates públicos, colocando-se a serviço de sua causa.

Já para Bobbio, os ideólogos seriam aqueles que “elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita – em sentido forte, a ação é “legitimada” –, pelo fato de estar conforme os valores acolhidos como guia da ação”<sup>XVIII</sup>. Estes princípios seriam ideias gerais, valores, visões de mundo que norteariam uma dada ação política. Segundo Bobbio, os ideólogos corresponderiam aproximadamente aos intelectuais-filósofos, e suas discussões estariam voltadas para problemas como a melhor forma de governo, a interferência na vida política, entre outros.

Por sua vez, os expertos “são aqueles que, indicando os conhecimentos mais adequados para o alcance de um determinado fim, fazem com que a ação que a ele se conforma possa ser chamada de racional segundo o objetivo [...]”.<sup>XIX</sup> Corresponderiam aos técnicos, cientistas, e suas discussões incidiriam, por exemplo, “sobre a maior ou menor oportunidade de construir centrais nucleares para o desenvolvimento de energia em um determinado país [...]”<sup>XX</sup>

## Intelectuais: Práticas Sociais

Apesar de Sirinelli muito bem identificar o intelectual como produtor e transmissor de cultura, o que se observa é a separação e hierarquização entre quem produz<sup>XXI</sup> e quem divulga as ideias.

O pouco valor reservado ao professor exemplifica tal assertiva. Este não é identificado como produtor, criador e sim como mero reproduzidor, de valor secundário, não é considerado um intelectual. “[...] é percebido como tendo “apenas” o papel de “simplificar” e “didatizar” algum conteúdo, informação, etc.”<sup>XXII</sup>

Analisando fatores que reforçam o papel secundário reservado aos intelectuais mediadores, apontamos dois aspectos: a) a ideia de que os mediadores apenas transmitem conhecimentos e b) a hierarquização do saber que proporciona status e poder. É notório que os próprios intelectuais contribuem para essa manutenção. Num polo temos aquele que cria e produz saberes e no outro aquele que apenas transmite, ou aquele que é impedido de produzi-lo.

“Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber, [...] mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber [...] Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema”<sup>XXIII</sup>

O primeiro aspecto que reforça o descrédito reservado aos mediadores foi discutido por Ângela de Castro Gomes, em *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política* (2016), e refere-se à ideia de que o mediador intelectual apenas transmite as ideias, quando claramente, através da apropriação ele também cria novos significados, novos produtos culturais.

## INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

Trata-se de enfrentar quase um paradoxo. Se os estudos de história cultural defendem que todos os sujeitos históricos são produtores de sentidos de forma *lata* (não há receptor/consumidor/leitor/espectador que seja passivo) [...] por que os mediadores não estariam incluídos nesta mesma dinâmica de produção de sentido e de valor? Por que seus esforços, buscando colocar os bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, “criando” novos produtos culturais [...] são vistos de forma tão desvalorizada e até negativa?<sup>XXIV</sup>

Em se tratando de produção e veiculação de conhecimentos, os mediadores tornam-se imprescindíveis, haja vista que são peças chave para a compreensão dos mecanismos de circulação e de apropriação de saberes pelos receptores finais<sup>XXV</sup>. Desenvolvem estratégias linguísticas, tecnológicas, afetivas, para atingir seu público, sendo assim desempenham uma função política própria do intelectual, não apenas possuem e criam saberes, mas também, engajam-se em diversas causas, sejam elas educacionais, trabalhistas, políticas, culturais, sociais...

Além da hierarquização entre intelectuais e mediadores, há também a desvalorização a alguns tipos de produção, bem como a seus produtores. Processa-se de fato uma clivagem entre “discurso sério”, consagrado pela ciência, e os discursos que se abrem para o campo humorístico, musical, artístico... Priscila Pereira em *O trabalho com revistas de humor gráfico e outros desafios para história intelectual latino-americana* questiona o papel menor reservado ao humor na história intelectual.

Segundo Pereira, “(...) o trabalho com revistas humorísticas é ainda incipiente dentro da chamada “nova história intelectual” e (...) humoristas gráficos não gozam do mesmo estatuto de “intelectuais” de que gozam outros operadores culturais da indústria jornalística.”<sup>XXVI</sup> Aventa a hipótese de que tal desvalorização poderia está relacionada a uma imagem negativa do humor que o associa a discursos ingênuos e carentes de seriedade, sendo o que ocorre, é exatamente o contrário. Os discursos humorísticos relacionam-se com o poder e, portanto não são nada inocentes “(...) nenhuma piada é inocente; aliás, acreditamos que o humor implica, necessariamente certa “perda da inocência.”<sup>XXVII</sup>

O fato que queremos destacar é que tanto a valorização do intelectual mediador, quanto o reconhecimento de alguns bens simbólicos até então marginalizados, contribuiriam para o enriquecimento das pesquisas historiográficas que poderiam ser aprimoradas a partir de uma visão mais ampliada do conceito de intelectual. Tanto professores, quanto cronistas, humoristas, músicos são intelectuais; produzem conhecimentos, relacionam-se com o poder e por meio de seu engajamento atingem à sociedade, com os mais diversos fins e, aliás, atingem um público muito mais numeroso do que imaginamos.

Sirinelli reconhece esta unidade entre produção/mediação/engajamento e apesar de traçar duas tipologias para o termo intelectual – intelectuais mediadores e intelectuais engajados – afirma que ambas tipologias se complementam, haja vista que relacionam-se a aspectos socioculturais. E por isso, Sirinelle, afirma que o “[...] debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente no sentido fotográfico do termo”.<sup>XXVIII</sup>

Bobbio, contrastando com Sirinelli, salienta que termo engajamento apresenta um sentido vulgar, encontrando-se frequentemente nos ensaios de caráter sociológico e econômico, preferindo o termo responsabilidade. “Prefiro falar mais de responsabilidade do que de engajamento. [...] Engajar-se quer dizer pura e simplesmente

# INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

tomar partido. Mas todos os partidos são igualmente bons? [...] O engajamento total era, diga-se o que disser, uma nova forma de subordinação, uma outra forma de abdicar da própria tarefa”.<sup>XXIX</sup>

Segundo Bobbio o ideólogo e o experto possuem tarefas e reponsabilidades distintas. O primeiro é fiel às suas convicções e valores, e sua reponsabilidade está relacionada “a pureza dos princípios, não às *consequências* que poderiam derivar dos princípios”.<sup>XXX</sup> E, por isso, questiona a responsabilidade de Marx<sup>XXXI</sup> quanto ao presente estado dos países que adotaram o socialismo real, bem como os delitos stalinistas.

O experto, por sua vez, apresenta os meios a serem escolhidos para atingir determinado objetivo e se preocupa com as consequências da própria ação porque deve responder a alguém. Exemplificando tais prerrogativas, Bobbio cita o príncipe absoluto que só respondia a si mesmo e a Deus, fato que configura um governo autocrático, não condizente com os preceitos democráticos, no qual os governantes e intelectuais a eles ligados devem se preocupar com as consequências de suas ações e ideias, pois devem responder a muitos.

Discutindo a problemática da responsabilidade dos intelectuais Sirinelli afirma que a “intelectualidade algumas vezes pecou”.<sup>XXXII</sup> Não podemos abandonar a discussão sobre a responsabilidade do intelectual, contudo não devemos sair distribuindo condenações e aprovações. A questão central para um historiador que estuda a história dos intelectuais não seria o julgamento moral dos benefícios ou malefícios de uma dada teoria/ação intelectual, o problema não seria ético, mas sim histórico. “O historiador dos intelectuais não tem a função de construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum”.<sup>XXXIII</sup>

## Considerações Finais

Quando falamos de intelectuais ainda nos vem à mente a imagem de pessoas enclausuradas em universidades e mosteiros com extenso conhecimento, proveniente de anos de leituras. Buscamos por meio do presente texto desmistificar tal alegoria, discutindo o papel do intelectual na sociedade.

Salientamos a desvalorização a que determinados grupos são submetidos ao serem interditados de se enquadrarem na categoria de intelectuais, por serem considerados meros reprodutores de conhecimentos ou por tais grupos produzirem um bem cultural pouco valorizado pela “cultura séria”.

Destacamos que os mediadores, por meio da apropriação, também criam novos produtos culturais e apresentam uma função importantíssima, que é própria dos intelectuais: ao veicular conhecimentos, atingem a sociedade, desempenhado assim um papel político, engajando-se para atingir os mais diversos fins, sejam eles, pedagógicos, econômicos ou sociais.

Os bens culturais produzidos por cronistas, desenhistas, humoristas, músicos partilham também um caráter político. Fazendo críticas a um dado sistema, ou a ele se comprometendo, demonstram a seriedade que uma piada, uma música ou uma charge podem carregar, atingindo a sociedade como qualquer outro texto ou intelectual poderia alcançar e, diga-se de passagem, de um jeito mais fluido e muitas vezes conquistando um número grande de leitores ou de ouvintes.

Por fim, ressaltamos a problemática do engajamento e da responsabilidade do intelectual, discutidas por Sirinelli e por Bobbio. O conhecimento que os intelectuais produzem não é estático, não é neutro, e sim, possui a visão de mundo do intelectual

# INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

que consequentemente mobiliza a sociedade. Seus pensamentos e ideais se transformam em um bem cultural que sempre atinge alguém, que é apropriado por alguém, que é modificado por alguém, que pode vir a servir aos propósitos de alguém. Por isso é de suma importância que o intelectual reconheça a responsabilidade que carrega, mesmo que não tenha o domínio completo de como sua obra vai ser recepcionada e para quais fins será utilizada, a clareza na escrita e seu engajamento pessoal conotam um senso de responsabilidade digno de um intelectual que se preocupa com as consequências daquilo que produz.

## NOTAS

<sup>I</sup> Doutoranda em História Comparada/UFRJ.

<sup>II</sup> Ver André Malina, *Uma discussão sobre o conceito de intelectual em Karl Mannheim e Antônio Gramsci*.

<sup>III</sup> Alfred Dreyfus foi oficial de artilharia na França, de origem judia, acusado em 1894 de espionagem em favor da Alemanha. Autores como Émile Zola, Octave Mirbeau, Anatole France, Marcel Proust, Henri Poincaré, Émile Durkheim, manifestaram-se a favor do militar, defendendo a ideia de que a justiça francesa analisasse seu caso apoiado em normas jurídicas universais, e não segundo interesses particularistas do Estado. Por isso, tais intelectuais passaram a ser identificados como defensores da liberdade ou como traidores da pátria.

<sup>IV</sup> Machado de Assis, 1897, apud Monica Pimenta Velloso. *In Brasil Republicano: o Tempo do Nacional-Estatismo*, O - vol. 2. Civilização Brasileira, 2007, p.150.

<sup>V</sup> Humberto de Campos, 1935, apud Monica Pimenta Velloso, 2007, p. 151.

<sup>VI</sup> A Geração de 1870 era composta por um grupo de intelectuais heterogêneo que criticavam uma série de tradicionalismos que fortaleciam a sociedade escravista monárquica oitocentista, dentre os quais citamos: Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiúva, Miguel Lemos e Silvio Romero.

<sup>VII</sup> Dentre os quais, Angela Alonso cita: o liberalismo estamental, o catolicismo hierárquico e o indianismo romântico.

<sup>VIII</sup> SENRA, Iara Andrade. *O brasileiro A formação da Identidade Nacional e a Questão racial*. 2ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016, p.60-61.

<sup>IX</sup> VELLOSO, 2007:356.

<sup>X</sup> Em *Formação do Pensamento Político Brasileiro*, Francisco C. Weffort utiliza o termo “homens de ação” para qualificar autores como Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Estes não apenas formularam propostas, mas também exerceram influência prática. Desempenharam a função de historiadores, jornalistas ou políticos. Possuíam, consequentemente, lugares privilegiados no que concerne à relação de poder, à veiculação e à execução de ideias.

<sup>XI</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel/difusão editorial S.A, 1979, p. 131

<sup>XII</sup> MENDONÇA, Sonia Regina. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. In *História Geral do Brasil*. 9ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p.340.

<sup>XIII</sup> ARAÚJO, Rejane. DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP> Acesso em: 01 de agosto de 2018.

<sup>XIV</sup> BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. SP, UNESP, 1997, p.89.

<sup>XV</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.244.

<sup>XVI</sup> SIRINELLI, 2003: 242.

<sup>XVII</sup> Idem..

<sup>XVIII</sup> Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. SP, UNESP, 1997, p.73.

<sup>XIX</sup> Idem.

<sup>XX</sup> Ibidem, p.119.



# INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

- 
- <sup>XXI</sup> Dizer que produção e vulgarização se articulam, não quer dizer que sempre estarão juntas. Essa relação depende muito da intenção do intelectual, podendo sim este ser somente um criador, sem intenção de veiculá-las.
- <sup>XXII</sup> GOMES, Ângela de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (Orgs). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.16.
- <sup>XXIII</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.p.42.
- <sup>XXIV</sup> GOMES, 2016: 17.
- <sup>XXV</sup> Recepção cultural não se refere à passividade, todo leitor reelabora os significados dos bens culturais de que se apropriam, de acordo com a sua experiência de vida.
- <sup>XXVI</sup> PEREIRA, 2016: 244.
- <sup>XXVII</sup> IBIDEM, 238.
- <sup>XXVIII</sup> SIRINELLI, 2003: 243.
- <sup>XXIX</sup> BOBBIO, 1997: 99.
- <sup>XXX</sup> BOBBIO, 1997: 97, *grifo nosso*.
- <sup>XXXI</sup> Contudo Bobbio também salienta que devemos considerar outras mediações para se compreender melhor o estado dos países que adotaram o socialismo. Dever-se-ia, por exemplo, levar em consideração os prosélitos, as diversas interpretações que podem ser feitas da doutrina socialista, as diversas escolas, seitas e movimentos, as circunstâncias de tempo e lugar e os destinatários da mensagem.
- <sup>XXXI</sup> SIRINELLI, 2003: 259.
- <sup>XXXI</sup> SIRINELLI, 2003: 261.

## REFRÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALONSO, Angela. Apropriação das idéias no Segundo Reinado. In *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. orgs. Keila Grimberg e Ricardo Sales. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ARAÚJO, Rejane. *DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP> Acesso em: 01 de agosto de 2018.
- BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. SP, UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_, Noberto, *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 13ª Ed., 2008.
- BOTELHO, André. Poder Ideológico: Bobbio e os Intelectuais. *Lua nova*, Centro de Estudos Contemporâneos (Cedec), 2004.
- FERREIRA, Jorge (org). Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In *Brasil Republicano: o Tempo do Nacional-Estatismo, O - vol. 2*. Civilização Brasileira. 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

## INTELECTUAIS: CONCEITO, TIPOLOGIAS E PRÁTICA SOCIAL

IARA ANDRADE SENRA

---

GOMES, Ângela de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (Orgs). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MALINA, André. *Uma discussão sobre o conceito de intelectual em Karl Mannheim e Antônio Gramsci*. Disponível em: < [file:///C:/Users/Marcelo/Downloads/876-2974-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Marcelo/Downloads/876-2974-1-PB%20(1).pdf)>

MATTOS, Hebe. Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista no Brasil. In *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. orgs. Keila Grimberg e Ricardo Sales. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MENDONÇA, Sonia Regina. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. In *História Geral do Brasil*. 9ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel/difusão editorial S.A, 1979.

PEREIRA, Priscila. O trabalho com revistas de humor gráfico e outros desafios para história intelectual latino-americana. In: *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. (org) Maria Elisa Noronha de Sá. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

SENRA, Iara Andrade. *O Brasileiro: A formação da Identidade Nacional e a Questão racial*. 2ª ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SKINNER, Quentin. Significado y Comprensión em la história de las ideias. Prismas: Revista de História Intelectual, 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo . In *O Brasil Republicano*. In *Brasil Republicano: o Tempo do Nacional-Estatismo, O - vol. 2*. Civilização Brasileira, 2007.

WEFFORT, Francisco C. *Formação do pensamento político brasileiro: Idéias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006.